

As ASSIGNATURAS são de
2\$ por trimestre, 4\$ por
semestre e 8\$ por anno
para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

As RECLAMAÇÕES podem
ser remettidas à rua do
Príncipe dos Cajueiros
n. 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 18 de Janeiro de 1874.

Luiz Agassiz

Mais um vulto illustre desapareceu !

E' o destino, é a lei commun da humanidade !

O invisivel trava de nós, arrasta-nos, e por um combatente prostrado cem novos se precipitam. A similitudão do Saturno antigo, a civilisação, em cada passo, a cada victoria devora os proprios filhos. Mas vendo apagado subitamente o fulgor de uma fronte predestinada, vendo derrubados os chefes, uns após outros, a menos de meio caminho, quem não ha de estremecer de contemplar a grandeza fragil de semi-deus que um sopro basta para sacudir do pedestal ?

Luiz Agassiz, o infatigavel philosopho, o eminent naturalista, o estrangeiro que sempre nos julgou com toda a justiça e com a mais recta severidade, pagou a dívida que a terra não perdão aos conquistadores da espada, nem aos conquistadores da ideia.

E quem o levantará ? São muitos os talentos festejados, porém homens que possam competir com tantas reputações firmadas que se tem ido, não se pôde com facilidade descobrir. Humboldt, Chateaubriand, Sue, Dumas, Byron, Goethe, Pope, Walter Scott, Vernet, Vigny, Musset, Gustave Planche, Schiller, Millevoye, e muitos outros, ainda não tiveram competidores !

A saudade de seus nomes ainda espera pelos continuadores, que não de vir de certo, porém que se demoram.

O que admiramos mais em Agassiz é tanto a florescência precoce, como a certeza de si, como os progressos maravilhosos do estudo e perseverança.

Os obstaculos serviam-lhe de estimulo, sem o detrem; os erros, de que as mediocridades se não levantam, advertiam-no sem o humilhar.

A onde o genio prova os verdadeiros quilates é na luta com a adversidade, com a indifferença, e com as emulações e as invejas. Se de cada uma destas quedas inevitaveis elle se erguer mais forte e mais senhor de seus poderes, inclinemo-nos diante da realeza que surge. O seculo conta mais um astro.

Agassiz gozou de um privilegio pouco commun nos homens da sua esphera, pois que vio apreciados os seus talentos, estimadas as suas qualidades, e coroados os seus muitos esforços, não só pelas sympathias particulares, mas tambem pela amizade dos sabios, e pela protecção dos grandes que lhe dispensavam favores.

Os homens mais illustres da Europa e do Brazil honravam-se de ter relações com elle; e os mais afamados escriptores procuravam com desvelo um lugar no seu coração — Já é muito !

A mulher bem educada

Bons conselhos

E' a mulher bem educada a deusa terrestre, que derrama um suave perfume de candura e bondade, que tudo domina pelo amor, carinho e affabilidade; suas lagrimas são perolas liquidas, penduradas das ramagens de seus olhos. O seu sorriso nos envia aromas; o seu amor exprime harmonias; na face tem o pudor da fresca rosa, e na alma o fogo de eternal ventura.

Mães, educae, pois, vossas filhas; dæ-lhes o alimento moral em toda sua plenitude, inculc-lhes desde a tenra infancia o amor e temor de Deus, ensinae-lhes a rezar, explicando-lhes a reza, com o verdadeiro sentido das palavras; e dæ-lhes para ler bons livros.

Ensinae-lhes a tratar bem a todos, sem distinção de posição ou cores porque todos somos filhos de um pão commun — Deus — que nos deu a mesma forma

Ensinae-lhes os arranjos caseiros, para que possam ser boas mães de familia.

E finalmente contrariae-as nas inclinações más que se forem nellas desenvolvendo, repreendendo-as com moderção.

A bôa educação na mulher contribuirá muito para a sua felicidade.

A sua sensibilidade tornar-se-há o mais bello e precioso dom que a natureza lhe concedeu, quando, manifestando-se por uma singular solicitude, imprimir em cada uma das suas accções um carácter de suavidade, de ternura e de benevolencia.

Uma palavra justa, que saia dos labios da mulher bem educada a propósito, não deixará nunca de produzir o seu effeito uma lagrima que se despende dos olhos da mulher, é como uma gota de orvalho sobre a rosa.

E quanto mais sereno e alegre for o animo da mulher, tanto mais viveza e energia encontrará em si, e em qualquer occasião se lhe offerecerá vez para proferir expressões agradaveis que satisfacão e enleve a todos que a rodearem.

O Sexo Feminino

A muito ilustrada redactora deste interessante semanario, escrito na Campanha, a qual gentilmente, e de tão longe, nos enviou um aperto de mão.—retribuímos nós a delicada fineza com—um abraço fraternal,—apetecendo-lhe as fagueiras e mares bonancosos na ardua tarefa que, com tanto zel, quanta maestria, tem desempenhado, isto é, em advogar os interesses do sexo a que ella e nós pertencemos.

O Agricultor

(de 8 de Janeiro de 1874)

As expressões de exagerada bondade que merecemos do muito ilustrado redactor deste organo da imprensa da Paraibá do Sul, cujo artigo transcrevemos, agradecemos cordialmente, cumprindo-nos porém dizer-lhe que não somos neahuma *del-lade*, nem possuímos os dores physicos que elle-nos attribue, o que, não obstante, não prejudica a elegancia de estylo e as bellezas que caem da pena de tão distinto apologista.

«O Domingo» é o titulo de um novo e elegante jornal que acaba de aparecer na capital do imperio escudado sob a egípcie do nome da sua illustre redactora a Exin Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar e Velasco.

Esse jornal recomenda-sa pela sua leitura variada e divertida e mais que tudo, pela elegancia do estylo que parece estar mostrando que é de uns dedos mimosos, dedos de fada, que tem alma sob as rosas unhas, e que matam (de amores) a um simples e graioso movimento, executado pelo carinho de sua elegante possuidora.

Saudando o *Domingo*, enviamos-lhe um estremecido abraço de fraternidade, e à sua illustre redactora um osculo respeitoso e admirativo sobre aquella mãosinha de que falamos. »

LITTE RATURA

Antes que cazes olha o que fazes

I

Rosa era uma rapariga formosa. Ainda muito nova, ficou sem pai.

Mas sua mãe, que era uma mulher de trus *et comme*

et faut a havia criado com muito carinho, mas ensinando-lhe a fiar, tecer e coser.

Quando Rosa tinha 15 annos, a mãe adoecen gravemente, e conhecendo que ia morrer chamou a filha e disse-lhe:

— Minha filha é chegada a minha hora; tu ficas só no mundo; mas morro certa de que com as prendas que tens, saberás ganhar a tua vida honradamente

II

Dito isto a mãe de Rosa abençoou a filha, e voou direitinho para o céo, como direitinhos vão para elle os que andaram direitinhos neste mundo

III

Rosa chorou muito e resou muito por sua mãe, e tambem pôz-se a coser, a tecer e a fiar com todo o animo; e, como trabalhava muito, o dinheiro lhe sobrava até para dar uns reaes a cada pobre que lhe batia à porta.

IV

Na mesma aldeia em que morava Rosa, residia um homem muito abastado, fazendeiro, e que estando desenganado dos medicos, mandou chamar seu filho primogenito, gnapo mancebo, e lhe disse:

— Vou morrer, antes porém quero dar-te alguns conselhos. Deixa-te uma bonita fortuna; e é natural que te cazes. Mas antes de o fazeres, lembra-te do rito: «Antes que cazes, olha o que fazes.» Isto, em boa linguagem quer dizer que, antes de te cazaras deves ver si a mulher que escolhes é digna de ti.

Dois dias depois morreu o pai.

V

Muitos casamentos vantajosos se offereceram ao gnapo mancebo, que fez ouvidos de mercador, porque nehum lhe convinha.

Saihindo, porém, um dia à rua a passear, passou pela casinha de Rosa, e um dos amigos que o acompanhava feceu os maiores elogios a essa menina, tão bonita como trabalhadora.

VI

José Pacheco, que assim se chamava o mancebo que herdara a fortuna mais avultada da aldeia, recolhendo-se à sua casa, julgou conveniente verificar por si só as prendas de Rosa.

VII

No dia seguinte, ao romper da aurora, montou a cavallo, e em trajes disfarçados, parou à porta da casa de Rosa, que já a essa hora estava trabalhando, e que quando viu o estranho reiro appear-se, corou como um cravo.

Tão enlevado ficou José em contemplar a belleza e as bellas cores de Rosa, ao entrar naquelle sanctuário de innocencia, que tropeçando rasgou o casacão em que ia envolvido.

Rosa offereceu-se imediatamente para cosel-o e tomada em seguida a agulha, cerzi o rasgo tão perfeitamente, que só um habil alfaiate poderia conhecê-lo.

— Olha, minha filha, disse-lhe José, depois que vestio o casacão, quem assim cose, deve tambem cosinhar deliciosamente, e como sahi de casa muito cedo, e não haja aqui nenhuma estalagem onde possa ir almoçar, peço-lhe que me faça alguma cousa de comer.

— Meu caro senhor, eu não tenho em casa senão

pão, agua, azeite, sal e alhos. O que hei de eu pois fazer?

— Faça o que quizer.

VIII

E em quanto o demo esfrega um olho, apromptou a moça um *quitute*, que muito agradou ao moço abastado.

Depois disto, montou José a cavallo e afastou-se, afastou-se por aquelles campos fóra.

E Rosa, vendo-o da janela afastar-se, lançou-se em choro copioso, e perguntou a si mesma:

— Porque chorei, meu Deus, se agora não é por minha māi?

IX

Mas no dia seguinte José voltou com varias damas e cavalheiros, em una linda carroagem, e apeando-se á porta da casa de Rosa pedio-lhe que se cazasse com elle. E travando-lhe do braço, se foi com ella para a igreja da aldeia, e alli se casou com Rosa que era a esposa que lhe convinha, segundo lhe deixara recommendedo sua māi.

Biographia de mulheres celebres

ANGELA do Amaral Rangel, poetiza brasileira, e conhecida vulgarmente pela Muza cega, nasceu na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, nas primeiras decaadas do XVIII seculo, e era descendente de uma familia illustre pelos serviços prestados ao paiz.

Cega, inteiramente cega, obteve na luz do entendimento a compensação da luz dos olhos. O estro abrazonhou o cerebro e iluminou-lhe a razão. Vivia D. Angela do Amaral nos tempos coloniaes e tornou-se condigna da admiracão de seus ilustres contemporaneos. Era sénhora instruída tanto quanto lhe permittiam as circunstancias peculiares do seu tempo e do nosso paiz. Os versos que de improviso lhe viulam da mente aos labios e que encantavam as pessoas que mudas a contemplavam, não eram sempre feitos na lingua harmoniosa que fallamos; luchava e venceu a dificuldade de estranhos idiomas, e com a mesma facilidade com que improvisava na lingua de Camões, recitava as suas poesias, na lingua de Cervantes, como demonstram as suas composições. E, couisa admiravel, quando a academia dos Selectos, que então florescia por essa epocha nesta cidade, se reunio dia 30 de Janeiro de 1752, em palacio, para celebrar as virtudes de Gomes Freire de Andrade, d'entre tantas composições entorpecidas pela calculada affectação d'estylo e de lisonja, primou a joven improvisadora, a poetiza fluminense, com os seus versos faceis e fluentes, bellos e simples, no quaes a linguagem nada tem de estudada.

Teve o caminho de sua existencia inundado de trevas, e juncado de espinhos, mas seu genio mudou-lhe as trevas em luz, e apontou-lhe a aurora da posteridade.

ANGENNES (Julia d') filha da celebre marquesa de Rambouillet, nasceu em 1607 e faleceu em 1671. Foi como sua māi celebre pela sua belleza, seu espirito, e suas virtudes. Rodeada das maiores honrarias e resuestada pelos mais illustres fidalgos, cazoou-se em 1645 com o duque de Montausier, que havia 14 annos já aspirava á sua mão.

A sua illibada conducta fez com que Luiz XIV, a chamasse para aia de seus filhos, sendo em 1664 nomeada dama de honra da rainha Maria Thereza. Deixou a corte em 1669, continuando a educação do delphim a cargo de seu marido.

Cinco annos antes do seu casamento, o duque de Montausier, offertara-lhe um album que se tornou celebre, e que era conhecido pelo nome de *Grinalha de Julia*. Este album encadernado ricamente, e considerado o primeiro no seu genero, não só pela belleza dos desenhos, trabalho de Nicoldo Roberto, como pela escolha selecta de madrigaes devidos aos principaes poetas d'aquelle epocha, foi comprado por 14.510 francos (cinco contos mais ou menos na nossa moeda), por occasião da venda da bibliotheca da marquesa de la Vallière, a quem pertencia. Hoje pertence ao duque d'Uzés. O livreiro Didot, de Paris, publicou uma reprodução em 1784 e outra em 1818.

ANGOULEME (Maria Thereza Carlota de França, duquesa d'), nascida em Versailles em 1778 e falecida em 1852. Era filha de Luiz XVI e de Maria Antonietta, e recebeu ao nacer o tratamento de *Real Senhora*. Encerrada com sua familia, depois do successo de 10 de Agosto de 1792, na prisão do Templo, em Paris, viu sucessivamente succumbrir no cadasfalo seu paiz, sua māi e sua tia, e só foi posta em liberdade em 1793, retirando-se para Viena, onde viven algum tempo. Dirigio-se depois para Mitan, indo para a companhia do seu tio o conde de Lille, que foi mais tarde o rei Luiz XVIII; e cazoou-se em 1799 com seu primo o duque de Angoulême. Depois de ter habitado a Inglaterra, de 18 a 1814, entrou em França com a familia dos Bourbons: e quando Napoleão abandonando á ilha d'Elba, voltou á França, achou n'aí em Bordéus, onde fez prova n'esta circunstancia critica, de uma energia verdadeiramente várionil. No encontro a deserção das tropas obrigou-a a refugiar-se na Hespanha. Voltando à França com a seguida restauração, foi sempre, apesar das suas virtudes, pouco popular. Em 1839 viu-se ainda uma vez forçada a tomar o caminho do desterro, e expirou no palacio de Frohsdorf, na companhia do conde de Chambord, seu sobrinho e herdeiro. A duquesa de Angoulême deixou-nos as suas *Memórias*, que foram publicadas em Paris.—1858, in-8°.

O gyrasol, a ortiga e a sensitiva

(FOLHA SOLTAS)

— Inconstante e perfido, tu gyrasol, não poderás nunca voltar a vista para outra flor, e a teu pezar terás que olhar eternamente para o sol, que te abrasará e queimará.

— E tu, ortiga, que és a imagem da crueza e da ingratidão, viverás odiada e aborrecida, porque tratarás cruelmente o que quizer dedicar-te o menor afago, ou quizer aformosear-se com as tuas flores: ver-te-has desterrada dos campos e jardins, pois logo que alli te reproducas te arrancarão e destruirão com desprezo e horror.

— E tu, sensitiva, tem fôe e constancia, não cesas nimes vive e continua a seguir, como até aí, a senda da virtude. Serás o adorno dos jardins, e cuidarão de ti as mais bellas e gentis criaturas, que te confiarão os

seus amores quando os passaros nas florestas te dedicarem as mais melodiosas endeixas.

O sol estava em meio horizonte.

Os seus ardentes raios, cahindo em cheio na floresta, murchavam a corolla de uma flor que, anciosa e a seu pezar, ia seguindo o curso do astro sem nunca poder apartar delle a vista. . . . Era girasol.

Arrancada e quasi secca em uma rocha se via uma planta, que se queixava e suspirava tristemente, sem que as aves, as auras, nem as flores ouvissem as suas queixas, nem se apiedassem de seus lamentos.... Era ortiga.

Ao occultar-se o sol no occidente, quando as frescas e alegres brizas vagam de flor em flor, roubando-lhes os aromas, e o zephyro vem afagal-as, uma planta negava os seus perfumes ás auras, enrolando as folhas envergonhada e assustada, fugindo assim do amor, do zephyro das brizas e das aves.... Era sensitiva.

O gyrosol e a ortiga, eis o orgulho e o crime; a sensitiva. Eis a virtude, placida e serena.

PARTE RECREATIVA

Salada de palavras

A uma *data* de tolo prefiro *um* de terras. Este pensamento ocorreu-me... n'esta *data*.

Conheço um *andador* que *anda* em um bom marchador.

Entendo cá para mim que os *urbanos* deviam *sel-o*. Um espelho *reflecte* sem fallar... e no entanto ha tanta gente que falla sem *reflectir*.

Prefiro *abraçar* uma mulher do que a profissão de *agente* de negocios que masse a *gente*.

Dizia um apologista da *gymnastica*:

— Não ha nada de mais excellente para a saude:— faz duplicar as nossas forças e concorre para prolongar-nos a vida.

— Mas, observa do lado um malicioso, os nossos antepassados não faziam uso d'ella e no entanto...

— E verdade... apressa-se logo o outro a responder, sem deixar-lhe tempo de acabar a phrase: Não faziam uso, por isso morreram todos.

Um individuo iendo sido intimado para comparecer no jury como testemunha em certo processo, chegou a sua vez de depôr.

Interrogado, de como se originara a questão principia elle a narrar o ocorrido n'estes termos:

— Eu vou dizer, Sr. juiz, tudo tal e qual se passou: o réo disse, Sr. juiz. E's um burro, és um imbecil... um parvo... não sabes onde tens o nariz...

O juiz apercebendo-se que o publico ria-se maliciosamente, disse à testemunha:

— *Dirija-se* aos Srs. jurados.

Um labrego entra em uma loja de optica e pede um par de oculos com que possa ler.

O caixeiro trata logo de attender ao freguez e vai

lhe mostrando todas as graduações que tem em casa, a que elle sempre responde:

— Não posso ler.

Cançado o caixeiro, e já não tendo mais que mostrar ao freguez, lembra-se de lhe perguntar:

— Dar-se-ha acaso que o senhor não saiba ler?

— Ora essa é muito boa, responde o nosso homem. De certo que não: pois é justamente *para ler* que eu querro os oculos.

Charadas

No hymno sou principal.	1
Sou agua e não sou agua.	
Curso terra e curso o ar.	1
No preterito de um verbo	
Singular sou, e primeira.	1
Sirvo para impor silencio.	1

CONCEITO

Leal virtuosa e fida,
Typo da honestidade,
De mulher só tem a forma
Este archanjo da bondade (*)

F.

Sou uma das seis vogaes.	1
Barato não, mas querido.	2
Por querer subir mui alto	
Quasi que fui derretido	

Na musica está . . .	1
Na musica está . . .	1

CONCEITO

Nas terras brasileiras,
Eu sou muito apreciado;
Em toda festa na roça
Eu sou sempre convidado.

A dicifração das charadas do n.º antecedente é: a 1º Pano, a 2º Vaso e a 3º Capote.

(*) A obsequiosidade de um leitor constante do nosso modesto Periodico devemos esta charada que, com summo prazer publicámos e agradecemos.